

DAVI
E
GOLIAS



MALCOLM
GLADWELL



SEXTANTE

Para A. L. e S. F., um verdadeiro azarão

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO

Golias, 11

“Por acaso sou um cão, para que você venha contra mim com pedaços de pau?”

PARTE I – AS VANTAGENS DAS DESVANTAGENS (E AS DESVANTAGENS DAS VANTAGENS), 23

CAPÍTULO UM

Vivek Ranadivé, 25

“Foi realmente por acaso. Quer dizer, meu pai nunca havia jogado basquete.”

CAPÍTULO DOIS

Teresa DeBrito, 43

“Minha maior turma tinha 29 crianças. Ah, era divertido.”

CAPÍTULO TRÊS

Caroline Sacks, 65

“Se eu tivesse ido para a Universidade de Maryland, estaria até hoje em um curso de ciências.”

PARTE II – A TEORIA DA DIFICULDADE DESEJÁVEL, 97

CAPÍTULO QUATRO

David Boies, 99

Você não ia querer um filho disléxico. Ou ia?

CAPÍTULO CINCO

Emil "Jay" Freireich, 123

“Como Jay fazia isso, eu não sei.”

CAPÍTULO SEIS

Wyatt Walker, 161

“O coelho é o animal mais ágil que Deus criou.”

PARTE III – OS LIMITES DO PODER, 187

CAPÍTULO SETE

Rosemary Lawlor, 189

“Eu não nasci assim. Aquilo me foi imposto.”

CAPÍTULO OITO

Wilma Derksen, 219

“Todos já fizemos algo terrível em nossa vida, ou sentimos o impulso de fazê-lo.”

CAPÍTULO NOVE

André Trocmé, 247

“Sentimo-nos obrigados a informá-los de que existe entre nós certo número de judeus.”

NOTAS, 259

AGRADECIMENTOS, 287

“O Senhor, contudo, disse a Samuel: ‘Não considere sua aparência nem sua altura, pois eu o rejeitei.’ O Senhor não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração.”

1 Samuel 16:7

Golias

“POR ACASO SOU UM CÃO, PARA QUE VOCÊ
VENHA CONTRA MIM COM PEDAÇOS DE PAU?”

1.

No coração da antiga Palestina fica a região conhecida como Sefelá, uma série de cadeias de montanhas e vales ligando as montanhas da Judeia a leste com a ampla extensão da planície mediterrânea. Área de beleza estonteante, abriga vinhedos, trigoais e florestas de sicômoros e terebintos. Também é de grande importância estratégica.

Ao longo dos séculos, numerosas batalhas foram travadas pelo controle da região, porque os vales que se erguem da planície mediterrânea oferecem aos moradores do litoral um caminho para as cidades de Hebron, Belém e Jerusalém, no planalto da Judeia. O vale mais importante é o Aijalon, ao norte. Mas o mais célebre é o de Elá, onde Saladino enfrentou os Cavaleiros Cruzados no século XII. O vale desempenhou um papel central nas guerras dos macabeus contra a Síria mais de mil anos antes e, mais notoriamente, durante a época do Antigo Testamento, foi ali que o nascente Reino de Israel enfrentou os exércitos dos filisteus.

Os filisteus eram de Creta. Eles haviam se mudado para a Palestina e se instalado ao longo da costa. Os israelitas estavam reunidos nas montanhas, sob a liderança do rei Saul. Na

segunda metade do século XI a.C., os filisteus começaram a se deslocar para leste, seguindo rio acima ao longo do vale de Elá. Seu objetivo era capturar a cadeia montanhosa perto de Belém e dividir o reino de Saul em dois. Os filisteus eram guerreiros experientes e perigosos, inimigos jurados dos israelitas. Apreensivo, Saul reuniu seus homens e desceu as montanhas às pressas para enfrentá-los.

Os filisteus levantaram acampamento ao longo da cadeia ao sul de Elá. Os israelitas armaram suas tendas do outro lado, ao longo da cadeia ao norte, o que deixou os dois exércitos olhando um para o outro através da ravina. Nenhum deles ousava se mover. Atacar significava descer a montanha e depois fazer uma subida suicida pela cadeia do inimigo do outro lado. Finalmente, os filisteus se cansaram. Mandaram seu maior guerreiro descer para resolver o impasse cara a cara.

Tratava-se de um gigante, com mais de 2 metros de altura, usando um capacete de bronze e uma armadura de corpo inteiro. Levava uma lança de arremesso, uma lança de curto alcance e uma espada. Um auxiliar o precedia, carregando um enorme escudo. O gigante encarou os israelitas e gritou:

– Escolham um homem para lutar comigo. Se ele puder lutar e me vencer, nós seremos seus escravos; porém, se eu o vencer e o puser fora de combate, vocês serão nossos escravos e nos servirão.

No lado israelita, ninguém se moveu. Quem conseguiria vencer um oponente tão assustador? Então um jovem pastor que viera de Belém trazendo comida para seus irmãos deu um passo à frente e se apresentou como voluntário. Saul objetou:

– Você não tem condições de lutar contra esse filisteu; você é apenas um rapaz, e ele é um guerreiro desde a mocidade.

Mas o pastor foi inflexível. Disse que havia enfrentado oponentes mais violentos do que aquele.

– Quando um leão ou um urso aparece e leva uma ovelha do rebanho – contou a Saul –, eu vou atrás dele, dou-lhe golpes e livro a ovelha de sua boca.

Saul não tinha outras opções. Consentiu, e o jovem pastor desceu correndo o morro ao encontro do gigante, de pé no vale.

– Venha aqui e darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo! – bradou o gigante ao ver o oponente se aproximando.

Assim começou um dos embates mais famosos da história. O nome do gigante era Golias. O nome do jovem pastor era Davi.

2.

Davi e Golias é um livro sobre o que acontece quando gente comum enfrenta gigantes. Por “gigantes” quero dizer oponentes poderosos de todos os tipos – de exércitos e grandes guerreiros a deficiência, infortúnio e opressão. Cada capítulo narra a história de uma pessoa diferente – famosa ou desconhecida, comum ou brilhante – que enfrentou um desafio descomunal e foi forçada a reagir. Devo me pautar pelas regras do jogo ou seguir meus próprios instintos? Devo perseverar ou desistir? Devo contra-atacar ou perdoar?

Por meio dessas histórias, quero explorar duas ideias. A primeira é que grande parte do que consideramos valioso em nosso mundo surge desses tipos de conflitos desequilibrados, porque o fato de enfrentar condições imensamente desfavoráveis produz grandeza e beleza. E a segunda é que sistematicamente entendemos errado esses tipos de conflito. Nós os interpretamos incorretamente. Gigantes não são o que julgamos serem. As mesmas qualidades que parecem fortalecê-los são, muitas vezes, fontes de grande fraqueza. E o fato de ser um *underdog* – um azarão, ou alguém em desvantagem, que todos esperam que venha a ser

derrotado facilmente – pode *mudar* as pessoas de formas que costumamos não perceber: pode abrir portas, criar oportunidades, instruir, esclarecer e tornar possível o que normalmente seria impensável. Precisamos de um guia melhor para enfrentar gigantes, e não há melhor ponto para começar essa jornada do que o confronto épico entre Davi e Golias 3 mil anos atrás no vale de Elá.

Quando Golias desafiou os israelitas, estava pedindo o que se conhecia como “combate um a um”. Essa era uma prática comum no mundo antigo. Os dois lados de um conflito tentavam evitar o grande derramamento de sangue da batalha aberta escolhendo, cada um, um guerreiro para representá-lo num duelo. Por exemplo, o historiador romano do século I a.C. Quinto Cláudio Quadrigário narrou uma batalha épica em que um guerreiro gaulês pôs-se a zombar de seus oponentes romanos. “Aquilo logo despertou grande indignação de um tal Tito Mânlio, um jovem de boa família”, escreveu Quadrigário. Tito desafiou o gaulês para um duelo:

Deu um passo à frente, pois não estava disposto a admitir que a bravura romana fosse vergonhosamente manchada por um gaulês. Armado com um escudo de legionário e uma espada espanhola, confrontou-o. A luta se travou numa ponte [sobre o rio Aniene] na presença dos dois exércitos, em meio a grande apreensão. Assim eles se confrontaram: o gaulês, de acordo com seu método de combate, com o escudo à frente aguardando um ataque; Mânlio, contando com a coragem mais do que com a habilidade, atacou escudo contra escudo e desequilibrou o gaulês. Enquanto este tentava voltar à mesma posição, Mânlio repetiu o primeiro ataque e forçou o homem a deslocar-se. Dessa maneira esgueirou-se sob a espada do gaulês e golpeou-o no peito com sua lâmina espanhola. [...] Depois de matá-lo, Mân-

lio cortou fora a cabeça do gaulês, arrancou sua língua e enrolou-a, ensanguentada, em seu próprio pescoço.

Era aquilo que Golias estava esperando – que um guerreiro como ele se apresentasse para um combate corpo a corpo. Jamais lhe ocorreu que a batalha seria travada em condições diferentes, e ele se preparou conforme sua expectativa. Para proteger o corpo dos golpes, vestia uma túnica elaborada feita de centenas de escamas de bronze sobrepostas, como as de um peixe. A túnica cobria seus braços e descia até os joelhos, devendo pesar mais de 50 quilos. Caneleiras protegiam suas pernas, unidas a placas de bronze cobrindo seus pés. Usava um pesado capacete de metal. Possuía três armas distintas, todas otimizadas para o combate corpo a corpo. Segurava uma lança de arremesso feita inteiramente de bronze, capaz de penetrar um escudo ou mesmo uma armadura. Tinha uma espada ao quadril. E, como sua opção principal, portava um tipo especial de lança de curto alcance com uma haste de metal tão “grossa quanto uma lançadeira de tecelão”. Uma corda estava presa à lança, e um conjunto elaborado de pesos permitia que fosse lançada com extraordinária força e precisão. Como escreveu o historiador Moshe Garsiel: “Para os israelitas, aquela lança extraordinária, com sua haste pesada e uma lâmina de ferro longa e rígida, quando atirada pelo braço forte de Golias, parecia capaz de dilacerar qualquer escudo de bronze junto com a armadura de bronze.” Dá para entender por que nenhum israelita se ofereceu para lutar com Golias?

Então surge Davi. Saul tenta lhe dar a própria espada e a armadura para que ao menos ele tenha uma chance na luta. Davi recusa:

– Não consigo andar com isto – diz ele –, pois não estou acostumado.

Em vez disso, abaixa-se, apanha cinco seixos lisos e coloca-os em seu alforje. Depois desce ao vale, carregando seu cajado de pastor. Golias olha o jovem se aproximando e se sente insultado. Estava esperando lutar com um guerreiro experiente. Em vez disso, vê um pastor – um rapaz cuja profissão é das mais humildes – que parece querer usar seu cajado como um porrete contra a espada de Golias.

– Por acaso sou um cão, para que você venha contra mim com pedaços de pau? – questiona Golias, apontando para o cajado.

O que acontece então é algo legendário. Davi põe uma de suas pedras na bolsa de couro de sua funda, lançando-a na testa exposta de Golias, que tomba, perplexo. Davi corre em sua direção, apanha a espada do gigante e decepa-lhe a cabeça. “Quando os filisteus viram que seu guerreiro estava morto” – reza o relato bíblico –, * “recuaram e fugiram.”

A batalha é vencida milagrosamente por um azarão que, segundo todas as expectativas, não deveria ter vencido. É assim que temos contado a história uns para os outros nos vários séculos desde então. Foi assim que a expressão “Davi e Golias” se incorporou à nossa língua, como uma metáfora para a vitória improvável. E o problema dessa versão dos acontecimentos é que quase tudo nela está errado.

3.

Os exércitos antigos contavam com três tipos de guerreiros. O primeiro tipo era da cavalaria – homens armados a cavalo ou em carros de guerra. O segundo era da infantaria – soldados a pé usando armadura e carregando espadas e escudos. O terceiro eram os “guerreiros de projéteis”, ou o que hoje chamaríamos de artilharia: arqueiros e, mais importante, fundibulários. Estes tinham

* Em 1 Samuel 17:51. (*N. do T.*)

uma bolsa de couro ligada a uma corda comprida em dois lados – a funda. Colocavam uma pedra ou bola de chumbo dentro dela, giravam-na em círculos cada vez mais amplos e rápidos e depois soltavam uma extremidade da corda, arremessando a pedra.

O uso da funda requeria habilidade e prática extraordinárias. Em mãos experientes, era uma arma devastadora. Pinturas do período medieval mostram fundibulários atingindo aves em pleno voo. Dizia-se que fundibulários irlandeses eram habilitados para atingir uma moeda de qualquer distância em que fosse visível, e no Livro dos Juízes do Antigo Testamento eles são descritos como capazes de “atirar uma pedra com uma funda num fio de cabelo sem errar”. Um fundibulário experiente conseguia matar ou ferir gravemente um alvo a uma distância de quase 200 metros.* Os romanos dispunham até de um conjunto especial de tenazes justamente para remover pedras que haviam sido engastadas no corpo de um pobre soldado por uma funda. Imagine-se diante de um arremessador da liga principal de beisebol que está mirando a bola em sua cabeça. Assim era enfrentar um fundibulário – só que o que estava sendo lançado não era uma bola de cortiça e couro, mas uma pedra dura.

O historiador Baruch Halpern sustenta que a funda era tão importante na guerra antiga que os três tipos de guerreiros se equilibravam mutuamente, assim como cada um dos gestos no jogo de pedra, papel e tesoura. Com suas lanças compridas e armaduras, a infantaria conseguia resistir à cavalaria. Esta conseguia, por sua vez, derrotar os guerreiros de projéteis, porque os cavalos se moviam rápido demais para a artilharia conseguir mirá-los. E os guerreiros de projéteis eram mortais contra a infantaria, porque um grande soldado carregando muito peso, pros-trado pela armadura, constituía alvo fácil para um fundibulário

* O recorde do mundo moderno de arremesso de uma pedra foi batido em 1981 por Larry Bray: 437 metros. Obviamente, a precisão fica prejudicada a essa distância.

lançando projéteis a 90 metros de distância. “Por isso a expedição ateniense à Sicília fracassou na Guerra do Peloponeso”, Halpern escreveu. “Tucídides descreve em detalhes como a infantaria pesada de Atenas foi dizimada nas montanhas pela infantaria leve local, que usou principalmente a funda.”

Golias é a infantaria pesada. Ele pensa que travará um duelo com outro soldado da infantaria pesada, da mesma forma que a luta de Tito Mânlio com o gaulês. Quando o gigante diz “Venha aqui e darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo!”, a expressão-chave é “Venha aqui”. Ele quer dizer: “Aproxime-se para que possamos lutar de perto.” Quando Saul tenta vestir Davi com uma armadura e lhe dar uma espada, está operando sob o mesmo pressuposto. Supõe que Davi irá combater Golias corpo a corpo.

Davi, porém, não tem a intenção de respeitar o ritual do combate esperado. Quando conta a Saul que matou ursos e leões como pastor, não está pretendendo apenas ostentar sua coragem, mas quer dizer outra coisa também: que deseja lutar contra Golias da maneira como aprendeu a enfrentar animais selvagens – como “guerreiro de projéteis”.

Ele *corre* em direção a Golias, porque sem armadura possui velocidade e agilidade. Põe uma pedra em sua funda e a gira cada vez mais rápido, a seis ou sete revoluções por segundo, mirando seu projétil na testa de Golias – o único ponto vulnerável do gigante. Eitan Hirsch, um expert em balística das Forças de Defesa israelenses, recentemente fez uma série de cálculos mostrando que uma pedra de tamanho típico lançada por um fundibulário experiente a uma distância de 35 metros teria atingido a cabeça de Golias com uma velocidade de 34 metros por segundo – mais que suficiente para penetrar no crânio e deixá-lo inconsciente ou morto. Em termos de poder de penetração, isso equivale a uma pistola moderna de tamanho razoável. “Constatamos”, escreveu Hirsch, “que Davi poderia ter lançado a pedra e atingido Golias

em pouco mais de um segundo – um tempo tão breve que Golias não teria sido capaz de se proteger e durante o qual estaria imóvel para todos os efeitos práticos.”

O que Golias poderia fazer? Carregava mais de 50 quilos de armadura. Estava preparado para uma luta corpo a corpo, em que poderia ficar imóvel, defendendo-se dos golpes com sua armadura e desferindo um ataque poderoso de sua lança. Observou Davi se aproximar, primeiro com desprezo, depois com surpresa e, por fim, com o que só pode ter sido horror – quando se deu conta de que a batalha que estava esperando havia subitamente mudado de forma.

– Você vem contra mim com espada, lança e dardos – disse Davi para Golias –, mas eu vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou. Hoje mesmo o Senhor o entregará nas minhas mãos, eu o matarei e cortarei a sua cabeça. [...] Todos os que estão aqui saberão que não é por espada ou por lança que o Senhor concede vitória; pois a batalha é do Senhor, e ele entregará todos vocês em nossas mãos.

Duas vezes Davi menciona a espada e a lança de Golias, como para enfatizar quão profundamente diferentes são suas intenções. Depois pega uma pedra no alforje de pastor, e àquela altura ninguém observando das montanhas nos dois lados do vale consideraria a vitória de Davi improvável. Davi era um fundibulário, e os fundibulários derrotam a infantaria facilmente.

“Golias tinha tantas chances contra Davi”, escreveu o historiador Robert Dohrenwend, “quanto qualquer guerreiro da Idade do Bronze com uma espada teria contra um [opponente] armado com uma pistola automática calibre 45.”*

* O ministro da Defesa israelense Moshe Dayan – o artífice da vitória espetacular de Israel na Guerra dos Seis Dias de 1967 – também escreveu um ensaio sobre a história de Davi e Golias. De acordo com Dayan, “Davi enfrentou Golias com armamento não inferior, e sim superior, e sua grandeza não consistiu em estar disposto a enfrentar alguém bem mais forte do que ele, mas em saber como explorar uma arma pela qual uma pessoa fraca poderia obter a vantagem e tornar-se mais forte”.

4.

Por que tem se sustentado tamanho mal-entendido em torno daquele dia no vale de Elá? Em um nível, o duelo revela a estupidez de nossos pressupostos sobre poder. O motivo do ceticismo do rei Saul quanto às chances de Davi é que este é pequeno e Golias, grande. O rei pensa no poder em termos de força física, então não reconhece que ele pode vir de outras formas também – ao romper as regras, ao substituir a força por velocidade e surpresa. Nas páginas seguintes, argumentarei que continuamos cometendo o mesmo erro atualmente, com consequências sobre tudo, desde a maneira como educamos nossos filhos até como combatemos o crime e a desordem.

Mas existe um segundo fator, mais profundo, aqui. Saul e os israelitas acham que sabem quem é Golias. Eles o avaliam e tiram conclusões precipitadas sobre suas capacidades, mas eles não o *veem* de fato. A verdade é que o comportamento de Golias é intrigante. Supõe-se que seja um guerreiro poderoso, mas não está agindo como tal. Ele desce até o vale acompanhado de um auxiliar – um servo caminhando à sua frente, portando um escudo. Portadores de escudos nos tempos antigos costumavam acompanhar os arqueiros nas batalhas, porque um soldado com arco e flecha não tinha mão livre para carregar qualquer outro tipo de proteção. Mas por que Golias, um homem que pede um combate corpo a corpo, precisa ser ajudado por um terceiro carregando o escudo de um arqueiro?

Além disso, por que ele diz a Davi “Venha aqui”? Por que o gigante não pode ir até o inimigo? O relato bíblico enfatiza a lentidão com que Golias se move, o que é uma descrição estranha de alguém considerado um herói das batalhas com força infinita. De qualquer modo, por que Golias não reage bem ante a visão de Davi descendo o morro sem espada, escudo ou armadura? Ao

ver Davi, sua primeira reação é sentir-se insultado, quando deveria estar aterrorizado. Ele parece ignorar o que está ocorrendo à sua volta. Ainda existe aquele comentário estranho após enfim distinguir o oponente com o cajado de pastor: “Por acaso sou um cão, para que você venha contra mim com pedaços de pau?” Pedaços de pau? Davi está segurando um só pau.

Muitos especialistas médicos acreditam que Golias tinha alguma doença grave. Ele parece e soa como alguém sofrendo da chamada acromegalia – doença causada por um tumor benigno da glândula pituitária. O tumor causa uma superprodução do hormônio do crescimento humano, o que explicaria o tamanho extraordinário de Golias. (A pessoa mais alta do mundo, Robert Wadlow, sofria disso. Morreu medindo 2,70 metros, e aparentemente continuaria crescendo.)

Além disso, um dos efeitos colaterais mais comuns da acromegalia são problemas de visão. Os tumores pituitários podem crescer a ponto de comprimirem os nervos ópticos, e por isso pessoas com essa doença com frequência sofrem de uma visão severamente restrita e de diplopia, ou visão dupla. Por que Golias foi conduzido ao vale por um auxiliar? Porque o auxiliar era seu guia visual. Por que avança tão devagar? Porque o mundo à sua volta é um borrão. Por que leva tanto tempo para entender que Davi mudou as regras? Porque só o vê depois que este se aproxima. “Venha aqui e darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo!”, ele brada, e nesse pedido existe um sinal de vulnerabilidade. *Preciso que venha a mim, senão não consigo localizá-lo.* E depois vem o aparentemente inexplicável: “Por acaso sou um cão, para que você venha contra mim com pedaços de pau?” Davi possui apenas um pau. Golias vê dois.

O que os israelitas viram, do alto da montanha, foi um gigante intimidador. Na verdade, o que dava ao gigante seu tamanho também era a fonte de sua maior fraqueza. Existe uma lição im-

portante aqui para batalhas contra todos os tipos de gigantes. Os fortes e poderosos nem sempre são o que parecem.

Davi, fortalecido pela coragem e pela fé, foi correndo em direção a Golias. O gigante estava cegado para sua aproximação – e aí foi derrubado: um homem grande e lento demais, com uma visão borrada, incapaz de compreender que o jogo havia virado. Ao longo de todos esses anos, temos contado errado esses tipos de história. Este livro pretende acertar as coisas.

P A R T E I

AS VANTAGENS DAS
DESVANTAGENS
(E AS DESVANTAGENS
DAS VANTAGENS)

ALGUNS FINGEM QUE SÃO RICOS E NADA
TÊM; OUTROS FINGEM QUE SÃO POBRES,
E TÊM GRANDE RIQUEZA.

PROVÉRBIOS 13:7

Vivek Ranadivé

“FOI REALMENTE POR ACASO. QUER DIZER,
MEU PAI NUNCA HAVIA JOGADO BASQUETE.”

1.

Quando Vivek Ranadivé decidiu treinar o time de basquete da filha Anjali, fixou-se em dois princípios. O primeiro foi que jamais elevaria a voz. Aquela era a National Junior Basketball – a Liga de Basquete Júnior. O time era constituído predominantemente de meninas de 12 anos, e adolescentes nessa idade, ele sabia pela experiência, não reagem bem a gritos. Decidiu que conduziria as coisas na quadra de basquete da mesma forma que fazia com seus negócios em sua empresa de software. Falaria calma e suavemente, e persuadiria as meninas da sabedoria de sua abordagem apelando para a razão e o bom senso.

O segundo princípio era mais importante. Ranadivé estava intrigado com a maneira como os americanos jogam basquete. Ele é de Mumbai, onde críquete e futebol são os esportes mais populares. Nunca esqueceria a primeira vez que assistiu a uma partida de basquete. Achou idiota. O Time A fazia cesta e imediatamente recuava para seu próprio lado da quadra. O Time B arremessava a bola da linha lateral e ia fazendo dribles até o lado da quadra do Time A, onde este aguardava paciente. Depois o processo se invertia.

Uma quadra oficial de basquete tem 28 metros de comprimento. Na maioria do tempo, um time defende apenas uns 7 metros desse espaço, concedendo ao outro 21 metros. Ocasionalmente os oponentes jogam com marcação cerrada – ou seja, se opõem à tentativa do adversário de avançar com a bola. Mas fazem aquilo por apenas alguns minutos. É como se houvesse um tipo de conspiração no mundo do basquete sobre como o jogo deve ser disputado, Ranadivé pensou, e essa conspiração tinha o efeito de aumentar a distância entre os times bons e os times fracos. Os bons, afinal, tinham jogadores que eram altos e conseguiam driblar e arremessar bem. Podiam executar com agilidade seus lances cuidadosamente preparados no lado de seu oponente. Por que, então, os times fracos jogavam de uma forma que facilitava aos times melhores fazerem exatamente aquilo em que eram bons?

Ranadivé olhou para suas meninas. Morgan e Julia eram genuínas jogadoras de basquete. Mas Nicky, Angela, Dani, Holly, Annika e sua própria filha, Anjali, nunca haviam praticado o esporte. Nem eram tão altas assim. Não sabiam arremessar. Não eram particularmente hábeis em quicar a bola. Não eram do tipo que joga uma partida no quintal toda noite. Ranadivé mora em Menlo Park, no coração do vale do Silício, na Califórnia. Seu time era formado de, nas palavras de Ranadivé, “menininhas lourinhas”. Tratava-se de filhas dos nerds e programadores de computador: trabalhavam em projetos de ciências, liam livros longos e complicados e sonhavam em ser biólogas marinhas quando crescessem. Ranadivé sabia que, se jogassem da forma convencional – se deixassem as oponentes quicarem a bola quadra acima sem serem detidas –, com certeza perderiam para as meninas para quem o basquete era uma paixão. Ranadivé chegara aos Estados Unidos aos 17 anos com 50 dólares no bolso. Não era alguém que aceitasse facilmente uma derrota. Seu segundo princípio, então, foi que seu time aplicaria uma marcação cerrada – a cada partida,

o tempo todo. O time foi parar nos campeonatos nacionais. “Foi realmente por acaso”, contou Anjali Ranadivé. “Quer dizer, meu pai nunca havia jogado basquete.”

2.

Vamos supor que você fizesse um levantamento de todas as guerras que ocorreram nos últimos 200 anos entre países muito grandes e muito pequenos. Digamos que um lado precise ter uma população e um poder bélico ao menos 10 vezes maiores que os do outro. Quantas vezes você acha que o lado maior venceu? A maioria de nós, eu presumo, estimaria esse número perto de cem por cento. Uma diferença de 10 vezes é *muita coisa*. Mas a verdadeira resposta poderá surpreendê-lo. Quando o cientista político Ivan Arreguín-Toft fez o cálculo alguns anos atrás, o resultado a que chegou foram 71,5%. O país mais fraco vence em pouco menos de um terço das vezes.

Arreguín-Toft, então, fez a pergunta de forma ligeiramente diferente. O que acontece nas guerras entre os fortes e os fracos quando o lado fraco faz como Davi e se recusa a lutar da forma como o lado maior deseja, preferindo táticas não convencionais ou de guerrilha? A resposta é: nesses casos, a porcentagem de vitórias da parte mais fraca sobe de 28,5% para 63,6%. Colocando isso sob outra perspectiva: a população dos Estados Unidos é 10 vezes maior que a do Canadá. Se os dois países entrassem em guerra e o Canadá optasse por lutar de forma não convencional, a história sugeriria que você deveria apostar no Canadá.

Pensamos nas vitórias dos azarões e das “zebras” como eventos improváveis, e por isso a história de Davi e Golias repercutiu tão fortemente todos esses anos. Mas Arreguín-Toft argumenta que não são nada improváveis. Os *underdogs* vencem o tempo todo. Por

que, então, ficamos tão chocados cada vez que um Davi derrota um Golias? Por que pressupomos que alguém que é menor, mais pobre ou menos habilidoso está *necessariamente* em desvantagem?

Um dos desfavorecidos vitoriosos da lista de Arreguín-Toft, por exemplo, foi T. E. Lawrence – ou, como é mais conhecido, Lawrence da Arábia –, que liderou a revolta árabe contra o exército turco que ocupava a Arábia perto do fim da Primeira Guerra Mundial. Os britânicos estavam ajudando os árabes em seu levante, e seu objetivo era destruir a longa ferrovia que os turcos haviam construído de Damasco até as profundezas do deserto de Hejaz.

Foi uma tarefa hercúlea. Os turcos tinham um exército poderoso, com equipamentos modernos. Lawrence, em contraste, comandava um bando indisciplinado de beduínos. Não eram soldados capacitados; eram nômades. Reginald Wingate, um dos comandantes britânicos na região, chamou-os de “uma rale destreinada, cuja maioria jamais atirou com um rifle”. Mas eram durões e tinham mobilidade. O soldado beduíno típico carregava nada mais do que um rifle, 100 cartuchos de munição e 20 quilos de farinha de trigo, o que significava que conseguia percorrer quase 180 quilômetros por dia pelo deserto, mesmo no verão. Levava consigo cerca de meio litro de água potável, já que era exímio em achar água no deserto. “Nossos trunfos eram velocidade e tempo, e não o poder ofensivo”, Lawrence escreveu. “Nossos maiores recursos disponíveis eram os homens das tribos – nada habituados à guerra formal –, cujos talentos eram a mobilidade, a resistência, a inteligência individual, o conhecimento da região, a coragem.”

O general do século XVIII Maurice de Saxe fez a afirmação famosa de que a arte da guerra dependia das pernas, não das armas, e as tropas de Lawrence foram um bom exemplo disso. Em um período típico na primavera de 1917, seus homens dinamitaram 60 trilhos e cortaram uma linha telegráfica em Buair em 24 de março, sabotaram um trem em Abu al-Naam em 25 de março,

dinamitaram 15 trilhos e cortaram uma linha telegráfica em Is-tabl Antar em 27 de março, depois atacaram uma guarnição turca e descarrilaram um trem em 29 de março, retornaram a Buair e sabotaram a via férrea de novo em 31 de março, dinamitaram 11 trilhos em Hedia em 3 de abril, atacaram a via férrea de Wadi Daiji em 4 e 5 de abril, e atacaram duas vezes em 6 de abril.

O golpe de mestre de Lawrence foi um ataque à cidade portuária de Aqaba. Os turcos esperavam um assalto dos navios britânicos patrulhando as águas do golfo de Aqaba a oeste. Lawrence decidiu, em vez disso, atacar do leste, chegando à cidade pelo deserto desprotegido, e para isso liderou seus homens num circuito audacioso de quase mil quilômetros – subindo de Hejaz ao deserto sírio no norte e depois descendo de volta a Aqaba. Isso foi no verão, através de uma das terras mais inóspitas do Oriente Médio, e Lawrence acrescentou uma incursão secundária à periferia de Damasco para enganar os turcos sobre suas intenções. “Naquele ano o vale parecia repleto de cerastas e biútas, najas e serpentes negras”, Lawrence escreveu em *Os sete pilares da sabedoria* sobre um estágio de sua viagem:

Não era fácil apanhar água após escurecer, pois havia cobras nadando nos lagos ou reunidas em grupos em torno de suas margens. Duas vezes biútas vieram serpenteando até um grupo que debatia durante o café da manhã. Três de nossos homens morreram das picadas; quatro se recuperaram após grande medo e dor e um inchaço no membro envenenado. O tratamento de Howeitat era enfaixar a parte com emplastro de pele de cobra e ler capítulos do Alcorão ao sofredor até ele morrer.

Quando enfim chegou a Aqaba, o bando de Lawrence, constituído de várias centenas de guerreiros, matou ou capturou 1.200

turcos e perdeu apenas dois homens. Os turcos simplesmente não haviam imaginado que seu oponente seria tão louco a ponto de atacá-los vindo do deserto.

Reginald Wingate tachou os homens de Lawrence de uma “ralé destreinada”. Ele achava que os turcos venceriam de lavada. Mas você consegue ver a estranheza disso? Dispor de montes de soldados, armas e recursos – o caso dos turcos – é uma vantagem. Mas deixa você imóvel e na defensiva. Nesse ínterim, mobilidade, resistência, inteligência individual, conhecimento da região e coragem – de que os homens de Lawrence dispunham em abundância – permitiram que “a ralé” fizesse o impossível: atacasse Aqaba do leste, uma estratégia tão audaciosa que os turcos jamais a previram. Existem vantagens relacionadas aos recursos materiais e aquelas relacionadas à *ausência* deles – e o motivo por que os prováveis perdedores vencem com tamanha frequência é que às vezes estas últimas são tão poderosas quanto as primeiras.

Por alguma razão, temos dificuldade em aprender essa lição. Acredito que temos uma definição muito rígida e limitada do que constitui uma vantagem. Acharmos úteis coisas que na verdade não são, e inúteis coisas que na verdade nos deixam mais fortes e sábios. A Parte 1 de *Davi e Golias* é uma tentativa de explorar as consequências desse erro. Quando vemos o gigante, por que supomos automaticamente que ele vencerá a batalha? E o que faz com que alguém seja aquela pessoa que desafia a ordem convencional das coisas – como Davi, Lawrence da Arábia ou, por sinal, Vivek Ranadivé e seu time de meninas nerds do vale do Silício?

3.

O time de basquete de Vivek Ranadivé jogou na divisão do sétimo e oitavo anos da Liga de Basquete Júnior representando Redwood

City. As meninas treinaram no Paye's Place, um ginásio na cidade vizinha San Carlos. Como Ranadivé jamais jogara basquete, recrutou um grupo de experts para ajudá-lo. O primeiro foi Roger Craig, ex-atleta profissional que trabalhava para a empresa de software de Ranadivé.* Depois disso, Ranadivé recrutou a filha de Craig, Rometra, que jogara basquete na faculdade. Ela era o tipo de pessoa que você escalaria para marcar o melhor jogador adversário, inutilizando-o. As meninas do time a adoravam. “Ela era como uma irmã mais velha para mim”, disse Anjali Ranadivé.

A estratégia do Redwood City girou em torno dos dois prazos que todos os times de basquete devem cumprir para avançar com a bola. O primeiro é o tempo destinado ao *inbounds pass* (passe da linha lateral). Quando um time faz cesta, um jogador do outro time leva a bola para fora da quadra e tem cinco segundos para passá-la a um companheiro de equipe na quadra. Se esse prazo não for cumprido, a bola vai para o outro time. Geralmente, isso não é problema, porque os adversários não ficam perdendo tempo tentando bloquear essa jogada. Eles saem correndo para o seu lado da quadra. Mas o Redwood City agia diferente. Cada menina fazia marcação cerrada de sua adversária. Quando alguns times jogam na pressão, normalmente o defensor se posiciona atrás do atacante que está marcando a fim de detê-lo assim que ele pegar a bola. As meninas do Redwood City, ao contrário, aplicavam uma estratégia mais agressiva, de alto risco. Elas se posicionavam na frente de suas adversárias para impedir que apanhassem o *inbounds pass*, e ninguém ficava marcando a jogadora que arremessava a bola nesse momento. Por que se preocupar com ela? Ranadivé usou sua jogadora que não precisava marcar a que ia dar o passe como uma segunda defensora contra a melhor jogadora do outro time.

* Roger Craig, cabe dizer, é mais do que um simples ex-atleta profissional. Agora aposentado, foi um dos maiores *running backs* na história da Liga Nacional de Futebol Americano dos Estados Unidos.

“Pense no futebol americano”, disse Ranadivé. “O *quarterback* pode correr com a bola. Ele tem o campo inteiro para arremessá-la, mas mesmo assim é bem difícil completar um passe.”

No basquete era mais difícil ainda. Uma quadra menor. Um prazo de cinco segundos. Uma bola maior e mais pesada. Com frequência, os times que Redwood City enfrentava não conseguiam fazer o *inbounds pass* no limite de cinco segundos. Ou a jogadora adversária entrava em pânico porque seus cinco segundos estavam se esgotando e o lance seria desperdiçado. Ou seu passe era interceptado por uma das jogadoras de Redwood City. As meninas de Ranadivé eram frenéticas.

O segundo prazo no basquete estabelece que um time avance com a bola pelo meio da quadra até a extremidade do seu oponente em 10 segundos; se as adversárias de Redwood City cumpriam o primeiro prazo e conseguiam fazer o *inbounds pass* em tempo, as meninas voltavam sua atenção ao segundo prazo. Elas atacavam a que tinha recebido o *inbounds pass* e a “encurralavam”. Anjali foi escalada para ser a “encurraladora”. Ela saía correndo e, junto com uma colega, atacava a jogadora que estava com a bola, estendendo seus longos braços ao redor dela. Talvez roubasse a bola. Ou podia ser que a outra jogadora a arremessasse em pânico – ou ficasse imobilizada, levando o juiz a enfim soprar o apito.

“Quando começamos, ninguém sabia como jogar na defesa nem nada”, contou Anjali. “Então meu pai dizia durante toda a partida: ‘O seu papel é marcar uma jogadora e se certificar de que ela nunca pegará a bola no *inbounds pass*.’ A melhor sensação do mundo é roubar a bola de alguém. A gente pressionava e roubava, e repetia isso várias vezes. Aquilo deixava as adversárias super-nervosas. Havia times bem melhores do que o nosso, que estavam jogando há muito tempo, mas nós os derrotávamos.”

As jogadoras de Redwood City conseguiam vantagens de 4 a 0, 6 a 0, 8 a 0, 12 a 0. Certa vez chegaram a liderar por 25 a 0.

Como normalmente obtinham a bola sob a cesta do adversário, raramente precisavam tentar os arremessos de longo alcance, que, por terem baixa porcentagem de acerto, requerem habilidade e prática. Seus arremessos eram de curta distância. Numa das poucas partidas que o Redwood City perdeu naquele ano, apenas quatro das jogadoras do time apareceram. Elas pressionaram mesmo assim. Por que não? Perderam por apenas três pontos.

“O que aquela defesa fazia por nós era ocultar nossa fraqueza”, explicou Rometra Craig. “Podíamos esconder o fato de que não tínhamos boas arremessadoras de fora do garrafão nem as jogadoras mais altas. Porque, enquanto jogássemos duro na defesa, conseguiríamos roubar a bola e fazer arremessos fáceis de perto da cesta. Eu era honesta com as meninas e dizia a elas: ‘Não somos o melhor time de basquete do pedaço.’ Mas elas entendiam seus papéis. Elas eram incríveis.”

Lawrence atacou os turcos onde eram mais fracos – ao longo dos postos avançados mais remotos e desertos da ferrovia – e não onde eram mais fortes. O Redwood City atacou o *inbounds pass*, o ponto numa partida em que um ótimo time está tão vulnerável quanto um fraco. Davi se recusou a enfrentar Golias de perto, situação em que com certeza perderia. Ficou bem atrás, usando todo o vale como seu campo de batalha. As meninas do Redwood City empregaram a mesma tática. Elas defendiam todos os 28 metros da quadra de basquete. A pressão na quadra inteira envolve as pernas, não os braços. Supera a habilidade mediante o esforço. É basquete para aqueles como os beduínos de Lawrence, “nada habituados à guerra formal – cujos talentos eram a mobilidade, a resistência, a inteligência individual [...] a coragem”.

– Trata-se de uma estratégia *exaustiva* – disse Roger Craig.

Ele e Ranadivé estavam numa sala de reuniões da empresa de software de Ranadivé, recordando a temporada de seus sonhos.

Ranadivé estava num quadro branco, diagramando as complexidades da marcação do Redwood City. Craig estava sentado à mesa.

– Minhas meninas tinham que estar em melhor forma física do que as outras – declarou Ranadivé.

– Ele costumava botá-las pra correr! – observou Craig, assentindo com a cabeça.

– Seguíamos a estratégia do futebol nos treinos – disse Ranadivé. – Eu fazia elas correrem, correrem e correrem. Não dava para ensinar habilidades naquele curto período de tempo, portanto tudo que fizemos foi assegurar que estivessem em boa forma física e tivessem certa compreensão básica do jogo. A atitude desempenha um papel muito importante, porque você vai se cansar.

Ranadivé disse “se cansar” com um tom de aprovação na voz. Seu pai era piloto e foi preso pelo governo indiano porque não parava de desafiar a segurança dos aviões do país. Ranadivé foi para o MIT após ver um documentário sobre a instituição e decidir que era perfeita para ele. Isso foi na década de 1970, quando viajar para estudar fora do país requeria que o governo indiano autorizasse a liberação de moeda estrangeira. Sendo assim, Ranadivé acampou diante do escritório do presidente do Banco Central da Índia até conseguir o dinheiro. Ranadivé é esguio, tem ossos finos, andar vagaroso e um ar de imperturbabilidade. Mas nada daquilo devia ser confundido com descuido ou indiferença. Os Ranadivé eram implacáveis.

Ele se voltou para Craig:

– Qual era o nosso grito de guerra?

Os dois homens pensaram por um momento, depois bradaram alegres, em uníssono:

– Um, dois, três, *atitude!*

Toda a filosofia do Redwood City baseava-se na disposição em se esforçar mais do que qualquer outro.

– Certa vez, umas meninas novas entraram no time – lembrou Ranadivé – e aí, no primeiro treino que tivemos, expliquei como jogávamos e disse que o segredo de tudo é a atitude. Mas uma das meninas não me inspirou muita confiança e temi que ela não sacesse a nossa ideia. Quando entoamos o grito de guerra, ela disse: “Não, não é um, dois, três, *atitude*. É um, dois, três, *atitude, há!*”

Ranadivé e Craig deram uma gargalhada.

4.

Em janeiro de 1971, o Fordham University Rams disputou uma partida de basquete contra o Redmen da Universidade de Massachusetts. O jogo foi em Amherst, na arena lendária conhecida como Cage, onde o Redmen não perdia desde dezembro de 1969. Seu recorde era 11–1. O astro do Redmen era ninguém menos que Julius Erving – Dr. J –, um dos maiores atletas que já jogaram basquete. O time da Universidade de Massachusetts era muito, muito bom. O Fordham, por outro lado, era um time de rapazes brigões do Bronx e do Brooklyn. Seu pivô havia machucado o joelho na primeira semana de treino e estava sem jogar, o que significava que seu jogador mais alto tinha 1,95 metro. Seu ala *starting forward* – e os alas costumam ser tão altos quanto os pivôs – era Charlie Yelverton, com apenas 1,88 metro. Mas desde o arremesso inicial o Rams fez marcação cerrada na quadra toda, sem esmorecer.

“Saltamos para uma liderança de 13 a 6, e foi uma guerra no resto do tempo”, recorda Digger Phelps, o treinador do Fordham na época. “Aqueles eram rapazes durões da cidade. Marcamos o adversário nos 28 metros da quadra. Sabíamos que, mais cedo ou mais tarde, iríamos quebrá-lo.”

Phelps mandou que um incansável rapaz irlandês ou italiano após outro marcasse Erving e, um por um, eles foram expulsos

por faltas. Nenhum deles era tão bom como Erving. Mas isso não teve importância. O Fordham venceu por 87 a 79.

No mundo do basquete existem inúmeras histórias como essa sobre partidas lendárias em que Davi usou a pressão na quadra toda para derrotar Golias. No entanto, o enigma da pressão é que ela nunca se tornou popular. O que Digger Phelps fez na temporada após sua inesperada vitória contra o time de Massachusetts? Ele nunca mais usou a marcação cerrada da mesma forma. E quanto ao treinador desse time, Jack Leaman, que foi humilhado no próprio ginásio por um bando de moleques? Ele aprendeu com a derrota e usou ele mesmo a pressão na partida seguinte contra um time de azarões? Não. Muitas pessoas no mundo do basquete não acreditam na marcação por não ser perfeita: ela pode ser quebrada por um time bem treinado, com passadores e dribladores espertos. Até Ranadivé admite prontamente isso. Tudo que um time adversário precisava fazer para derrotar o Redwood City era pressionar de volta. As meninas não eram boas o suficiente para sentirem o gosto do próprio veneno. Mas todas essas objeções não captam o ponto essencial. Se as meninas de Ranadivé ou os brigões vitoriosos do Fordham houvessem jogado da forma convencional, teriam perdido por 30 pontos. A marcação cerrada era a melhor chance de um azarão derrotar Golias. Pela lógica, *todo* time que disputa com poucas chances de vitória deveria jogar assim, não é? Então por que não jogam?

Arreguín-Toft encontrou o mesmo padrão intrigante. Quando um azarão lutava feito Davi, geralmente vencia. Mas quase sempre um azarão *não* fazia isso. Dos 202 conflitos desiguais no banco de dados de Arreguín-Toft, o mais desfavorecido optou por lutar corpo a corpo com Golias, da forma convencional, 152 vezes – e perdeu em 119 delas. E foram muitos os povos que perderam lutando da forma convencional: em 1809, os peruanos combatendo os espanhóis; em 1816, os georgianos

contra os russos; em 1817, os pindaris indianos em combate com os britânicos; na rebelião do reino de Kandy em 1817, os cingaleses em luta com os britânicos; em 1823, os birmaneses contra este mesmo adversário. A lista de fracassos é infinita. Na década de 1940, a rebelião comunista no Vietnã atormentou os franceses até que, em 1951, Vo Nguyen Giap, o estrategista do Viet Minh, passou a lutar da forma usual – e imediatamente sofreu uma série de derrotas. George Washington fez o mesmo na Revolução Americana, abandonando as táticas de guerrilha que serviram tão bem aos colonos nos estágios iniciais do conflito. “O mais rápido possível”, William Polk escreveu em *Violent Politics*, uma história da guerra não convencional, Washington “dedicou suas energias à criação de um exército similar ao britânico, a Linha Continental. Como resultado, foi repetidamente derrotado e quase perdeu a guerra.”

Isso não faz sentido, a não ser que você recorde a longa marcha de Lawrence através do deserto até Aqaba. É mais fácil vestir soldados com uniformes vistosos e fazê-los marcharem ao som de uma banda militar do que fazer com que percorram mil quilômetros por um deserto infestado de cobras, montando camelos. É mais fácil e bem mais satisfatório recuar e se recompor após cada cesta – e executar jogadas perfeitamente coreografadas – do que correr para lá e para cá, agitando os braços, e disputar cada centímetro da quadra de basquete. As estratégias dos azarões são *dureza*.

A única pessoa que pareceu ter absorvido as lições daquela famosa partida entre Fordham e a Universidade de Massachusetts foi um defensor baixo e magrelo do time de calouros de Massachusetts chamado Rick Pitino. Ele não jogou naquele dia; assistiu à partida, e seus olhos se arregalaram. Até hoje, mais de quatro décadas depois, ele sabe de cor os nomes de cada jogador do Fordham: Yelverton, Sullivan, Mainor, Charles, Zambetti.

“Eles entraram na quadra com o time marcador mais incrível que já vi”, disse Pitino. “Cinco sujeitos com altura entre 1,95 metro e 1,82 metro. Foi incrível como cobriram o terreno. Eu estudei a partida. Não havia como nos derrotarem. Ninguém nos derrotava no Cage.”

Pitino tornou-se treinador titular da Universidade de Boston em 1978, aos 25 anos, e usou a pressão para levar a universidade à primeira participação no torneio da NCAA em 25 anos. Em sua atuação seguinte como treinador titular, no Providence College, Pitino assumiu um time com 11 vitórias e 20 derrotas no ano anterior. Os jogadores eram baixos e quase não tinham talento – uma cópia do Fordham Rams. Eles pressionaram e por pouco não disputaram o campeonato nacional. Repetidamente, Pitino conseguiu coisas extraordinárias com uma fração do talento de seus adversários.

“São muitos os treinadores que vêm a cada ano aprender a marcação cerrada”, contou Pitino. Ele agora é o treinador titular de basquete da Universidade de Louisville, que tornou-se a meca de todos aqueles Davis tentando aprender como derrotar Golias. “Eles me mandam e-mails e dizem que não conseguem fazer isso. Não sabem se seus jogadores resistirão.” Pitino fez um sinal negativo com a cabeça. “Treinamos diariamente por duas horas”, prosseguiu. “Os jogadores ficam em movimento durante quase 98% do treinamento. Passamos pouquíssimo tempo conversando. Quando fazemos nossas correções”, ou seja, quando Pitino e seus auxiliares interrompem o jogo para dar instruções, isso dura uns “sete segundos, portanto nosso batimento cardíaco nunca reduz o ritmo. Estamos sempre em atividade”.

Sete segundos! Os técnicos que vão à Louisiana, ao se sentarem nas arquibancadas e assistirem àquela atividade incessante, se desesperam. Para jogar pelas regras de Davi você precisa estar desesperado. Precisa ser tão *ruim* que não tenha outra saída. Eles

sabem que seus times não se encaixam nesse perfil, portanto os jogadores jamais conseguiriam ser convencidos a se esforçar tanto. Eles não estariam desesperados o bastante. Mas e quanto a Ranadivé? Ah, ele *estava* desesperado. Observando suas meninas, você poderia pensar que a total incapacidade de dar um bom passe, driblar e arremessar era sua maior desvantagem. Mas não foi, certo? Foi o que tornou possível sua estratégia vitoriosa.

5.

Uma das coisas que aconteceram com o Redwood City no instante em que o time passou a vencer partidas de basquete foi que os técnicos adversários começaram a ficar irritados. Havia uma sensação de que o Redwood City não estava jogando de forma justa – que não era certo pressionar na quadra toda contra meninas de 12 anos que estavam se iniciando nos rudimentos do jogo. O objetivo do basquete jovem, o coro discordante alegou, é ensinar habilidades do esporte. As meninas de Ranadivé, eles achavam, não estavam realmente jogando *basquete*. Claro que você podia facilmente argumentar que, ao jogar pressionando, uma menina de 12 anos aprendia lições bem mais valiosas: que o esforço pode vencer a habilidade e que as convenções foram feitas para serem desafiadas. Mas os treinadores dos times perdedores não estavam inclinados a ser tão filosóficos assim.

– Teve um sujeito que quis brigar comigo no estacionamento – relatou Ranadivé. – Um sujeito grandão. Obviamente jogava futebol americano e basquete, e viu aquele estrangeiro magricelo derrotando-o. Ele queria me dar uma surra.

Roger Craig disse que às vezes se surpreendia com o que via.

– Os outros treinadores berravam com suas meninas, humilhando-as, xingando-as. Diziam aos árbitros: “Foi falta! Foi fal-

ta!” Mas isso não era verdade. Estávamos apenas praticando uma defesa agressiva.

– Certa vez, enfrentamos aquele time de East San Jose – contou Ranadivé. – Elas jogavam havia anos. Eram meninas que nasceram com uma bola de basquete na mão. Nós estávamos dando um banho nelas. O placar marcava 20 a 0. Nós nem as deixávamos lançar a bola na quadra. O treinador ficou tão enfurecido que pegou uma cadeira e a atirou longe. Começou a berrar com o time dele, e claro que quanto mais você berra com meninas dessa idade, mais nervosas elas ficam. – Ranadivé fez um sinal de não com a cabeça. – Uma pessoa jamais deve elevar sua voz. Finalmente o juiz expulsou o sujeito do local. Fiquei com medo. Acho que ele não conseguiu suportar aquilo porque ali estavam todas aquelas meninas loirinhas que eram claramente jogadoras inferiores, mas nós estávamos arrasando.

As qualidades que distinguem o jogador de basquete ideal são lances de habilidade e execução finamente calibrada. Quando o esforço começa a sobrepujar a habilidade, o jogo se torna irreconhecível: uma mistura chocante de jogadas interrompidas, pernas e braços descontrolados e jogadores geralmente competentes entrando em pânico e lançando a bola para fora da quadra. Você precisa ser um forasteiro – um estrangeiro recém-apresentado ao jogo ou um rapaz magricelo de Nova York no fim do banco de reservas – para ter a audácia de continuar jogando assim.

T. E. Lawrence pôde triunfar porque era a coisa mais distante do oficial do Exército britânico típico. Ele não se graduou com louvor pela melhor academia militar inglesa. Era um arqueólogo que escrevia uma prosa onírica. Usava sandálias e traje completo de beduíno quando ia ver seus superiores nas Forças Armadas. Falava árabe como um nativo e controlava um camelo como se tivesse montado um a vida toda. Não dava a mínima ao que o establishment militar pensava sobre sua “ralé

destreinada”. E, quanto a Davi, esperava-se que ele soubesse que duelos com filisteus deveriam ocorrer formalmente, com o bater de espadas. Mas ele era um pastor, uma das profissões mais humildes nos tempos antigos. Não tinha interesse nas sutilezas do ritual militar.

Passamos muito tempo pensando em como prestígio, recursos e o fato de pertencer a instituições de elite podem nos favorecer, mas dedicamos pouco tempo a avaliar como esses tipos de vantagens materiais limitam nossas opções. Vivek Ranadivé não se abalava quando os pais e treinadores das jogadoras adversárias o xingavam. A maioria das pessoas teria recuado diante desse tipo de crítica. Não Ranadivé. *Foi realmente por acaso. Quer dizer, meu pai nunca havia jogado basquete.* Por que ele deveria se preocupar com o que o mundo do basquete achava dele? Ranadivé treinava um time de meninas sem nenhum talento em um esporte do qual nada conhecia. Era um azarão e um desajustado, o que lhe deu liberdade para tentar coisas com que os outros jamais sonharam.

6.

No campeonato nacional, as meninas do Redwood City venceram suas primeiras duas partidas. Na terceira rodada, suas oponentes eram de Orange County. O Redwood City teve que enfrentá-las na quadra das adversárias, que também forneceram o juiz da partida. O jogo foi às oito da manhã. As jogadoras do Redwood City saíram do hotel às seis para fugirem do trânsito. Tudo deu errado dali para a frente. O juiz não acreditava em “um, dois, três, atitude, há!”. Para ele, ficar bloqueando os *inbounds pass* não era basquete, então começou a marcar uma falta após outra.

– Eram faltas por toques – Craig disse.

Uma coisa bem baixa. A lembrança é dolorosa.

– Minhas meninas não entendiam – disse Ranadivé. – O juiz marcou quatro vezes mais faltas contra nós do que contra o outro time.

– As pessoas estavam vaiando – completou Craig. – Foi horrível.

– Uma proporção de duas para uma é compreensível, mas de quatro para uma?

Ranadivé fez um gesto de desaprovação com a cabeça.

– Uma menina foi expulsa.

– Não fomos aniquilados. Ainda havia uma chance de vitória. Mas...

Ranadivé mandou cancelarem a marcação cerrada. Teve que fazê-lo. As jogadoras do Redwood City recuaram para seu lado da quadra e passivamente observaram enquanto suas adversárias avançavam sobre elas. As meninas do Redwood City não corriam. Faziam uma pausa e deliberavam entre cada posse de bola. Jogaram basquete do jeito como se supõe que deva ser jogado, e no final perderam – mas não antes de provarem que Golias não é bem o gigante que julga ser.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/edorasextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br